



# Editorial



O tema da fome permeia várias obras artísticas e literárias, tanto nacionais como mundiais. Inúmeras são as representações artísticas deste flagelo que campeia no mundo, quadros, poemas, romances, filmes, canções foram e continuam sendo construídos sobre o imaginário da fome. Há, como afirmou Glauber Rocha em 1965, uma estética da fome que encanta e horroriza ao mesmo tempo. São obras de um realismo que impressiona e que comovem, e que podem ser consideradas obras de denúncia de nossa tolerância com o intolerável, muitas são verdadeiras obras de sociologia da fome.

Ao falarmos de intolerância e de fome nosso imaginário tende a nos conduzir aos terríveis quadros de destruição e barbárie resultantes das guerras e conflitos que marcaram e ainda marcam a nossa história sobre a face do planeta. Ódios materializados em guerras, perseguições, banimentos, retaliações, torturas, desprezo, mortes, exprimem a linguagem da intolerância. E o que dizer dos quadros de miséria e fome que assolam o mundo moderno e que resultam não apenas de guerras ou de períodos de calamidades climáticas, mas da perversidade de um modelo econômico que mata em tempos de paz (?), mata em surdina, aniquila povos inteiros, condena-os a morte lenta, asfixia suas mentes em nome do progresso, da modernidade?

A fome não é imagem do passado, mas um desafio do presente que ameaça o futuro. Grassa em todo o planeta, passeia pelas ruas do mundo, espia gulosa pelas vitrines dos restaurantes, dos supermercados, dos Shoppings Center do mundo, mendiga nas feiras livres, resulta do desperdício, do descaso para com o outro e denuncia um sistema econômico e político perverso, bem como a nossa tolerância para com o intolerável.

A fome é um flagelo que atinge vastas áreas em todo o mundo, fazendo de algumas delas áreas típicas de fome e continua a ser um desafio para os governos de vários países em que pese todo o avanço científico e tecnológico no campo da produção de alimentos e da quebra das barreiras para a circulação da mercadoria no mundo globalizado graças aos modernos meios de comunicação e transporte. Diante desses avanços e conquistas do mundo moderno cabe indagar: Por que ainda vastas áreas do mundo são marcadas pela escassez de alimentos? Por que a fome continua campeando no planeta? Por que as soluções para este drama parecem ainda estar distantes de serem encontradas apesar das inúmeras campanhas e programas desenvolvidos nestas últimas décadas para acabar com este flagelo? Afinal, a fome que assola vastas áreas em todo o mundo resulta de que?

A busca de resposta para as questões acima foi o leitmotiv de Josué de Castro, um brasileiro, que dedicou uma vida inteira na busca de respostas e soluções para acabar com a fome no mundo. Seus

estudos e sua intensa militância no combate a fome tornaram-no uma pessoa conhecida e respeitada mundialmente, e lhe renderam a alcunha de “caixeiro viajante da fome” e “profeta da fome” a uma alusão ao profeta bíblico.

Apesar de reconhecido mundialmente e com uma extensa folha de serviço prestada no combate à fome, tanto no Brasil como no mundo, Josué de Castro ainda é um autor pouco estudado no âmbito das ciências sociais em nosso país. Este “esquecimento” de Josué de Castro reflete uma das mais significativas carências do povo brasileiro, que é a sua enfraquecida memória social, apesar de nosso país, de grandeza inquestionável, ser produtor ativo de valorosos homens e mulheres que, em suas ricas trajetórias pessoais, deixaram ao país e ao mundo legado de importância imprescindível, mas que boa parte desses homens e dessas mulheres, ainda encontra-se perdido em meio ao enevoado da memória nacional, lamentavelmente alimentada pela fugacidade da mídia que dura o tempo exato que seu impacto provoca nos espíritos ansiosos por eternas novidades.

Uma nação com tal desprezo por sua memória é, como muito se diz, uma nação fadada a tornar circulares seus erros e seus fracassos. A fim de investir na reversão dessa nefasta tendência ao auto-esquecimento, é que a Revista Cronos trás a público o “Dossiê Josué de Castro” em comemoração ao centenário de nascimento em setembro de 2008 do médico, professor, geógrafo, sociólogo, escritor, diplomata e político Josué Apolônio de Castro, conhecido simplesmente como Josué de Castro.

Durante mais de sessenta anos de vida, o pernambucano Josué de Castro dedicou-se a um visceral combate à fome e mobilizou suas forças pessoais em muitas frentes distintas nesta batalha. Fortemente influenciado pelas imagens de miséria e carência que via nos mangues de sua cidade natal – Recife –, e que lhe marcaram a infância e adolescência, dedicou toda uma vida à luta ferrenha pelo extermínio – e não menos que isso – daquela que julgava a maior tragédia da humanidade: a fome.

Em sua trajetória de lutas tornou-se escritor, para narrar à fome e sua dor; médico, para entender os mecanismos biológicos da desnutrição e suas consequências; geógrafo, para mapear a distribuição da fome no Brasil e no mundo e tipificar as formas de fome que afligem os homens; sociólogo, para esclarecer como as consequências da fome afetam o homem comum, sua vivacidade e sua atividade produtiva; diplomata, para inscrever na agenda internacional a luta contra a fome e causas dos países do Terceiro Mundo; por fim, como não poderia deixar de ser, político, para dar sentido a um combate visceral que não poderia restringir-se ao plano intelectual, mas que se fazia urgente no plano das ações do Estado e da sociedade civil.

Esse homem notável, reconhecido mundialmente por sua devoção ao combate à fome, ocupou por dois mandatos consecutivos uma cadeira de Deputado Federal, tendo assumido inúmeros outros cargos políticos da mais significativa monta em nível nacional e mundial. Vale destacar, a presidência do

Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação assumida por Josué de Castro por dois mandatos consecutivos, entre 1952 e 1956. Ao ser eleito pela primeira vez para o cargo já era um pesquisador conhecido e reconhecido. Era uma voz respeitada na defesa dos interesses dos povos do Terceiro Mundo.

Josué de Castro ganhou notoriedade nacional e internacional em meados da década de 1940, ao publicar a obra *Geografia da Fome* (1946), e denunciar o verdadeiro quadro de desigualdades sociais que marcava o Brasil da época, através da elaboração de um mapeamento da fome. O Mapa da Fome trouxe a público o país que não aparecia na propaganda oficial e mais, ao mapear a fome o autor revelava os seus nichos, suas raízes estruturais e os quadros sociais que dela derivavam, bem como trazia uma contribuição para o estudo de nossa cultura alimentar.

Em 1946 ao lançar *Geografia da Fome*, já havia publicado no campo médico nutricional e no campo da investigação social aliado aos problemas alimentares cerca de 12 livros, além de inúmeros artigos, proferido uma enorme quantidade de palestras e conferências, bem como integrado uma série de Comissões e Projetos de estudo visando solucionar o problema da fome, tanto a nível nacional como internacional.

Em 1951, ao publicar *Geopolítica da Fome*, obra que aborda o tema sob o prisma mundial, tem seu nome definitivamente consagrado internacionalmente como um especialista no assunto e um ferrenho combatente das desigualdades sociais, da fome e da miséria.

Como se não bastasse, Castro figura entre as principais personalidades científicas do Brasil, pois deu importantes passos para o desbravamento de novas áreas, como a Nutrição na perspectiva de saúde pública, Geografia Humana e Ecologia. Josué de Castro também inovou interdisciplinarmente ao relacionar áreas de conhecimento até então não imaginadas, como a Geografia, Sociologia, Ecologia e Nutrição, como foi o caso concreto do livro *Geografia da Fome*. A multidisciplinaridade é uma característica marcante na obra desse teórico da fome. Os estudos e escritos de Josué de Castro fornecem a matriz para uma Sociologia da Fome.

Os artigos que compõem o presente Dossiê buscam trazer à tona a importância e atualidade dos estudos do autor, bem como sua linguagem polifônica.

Tânia Elias Magno da Silva – UFS